

I CONACSO – Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória - ES.

**HOMICÍDIOS JUVENIS: A PERCEPÇÃO SOCIAL DAS MÃES DAS VÍTIMAS
SOBRE A VIOLÊNCIA**

Daniela Cristina Neves de Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Resumo:

O objeto da presente pesquisa são as causas dos homicídios de adolescentes e jovens, na faixa etária de 18 a 21 anos, do bairro Jardim Carapina, no município de Serra, Espírito Santo. O trabalho analisa de modo exploratório a percepção social da mãe de um jovem vítima de violência fatal residente no bairro Jardim Carapina, bem como de moradores, estabelecendo uma relação entre as causas apontadas pela mãe e moradores com as principais variáveis apontadas pela literatura da Sociologia da Violência. Os dados acerca dos homicídios foram disponibilizados pela Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social do Governo do estado do Espírito Santo (SESP). Ademais foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a mãe da vítima e moradores. Verificou-se que a principal causa dos homicídios juvenis no bairro Jardim Carapina é a denominada sociabilidade violenta presente nas relações no tráfico de drogas a varejo.

Palavras-chave: violência; homicídios juvenis; tráfico de drogas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo exploratório sobre os homicídios de jovens na faixa etária de 18 a 21 anos que aconteceram no bairro Jardim Carapina, Serra-ES, nos anos de 2011, 2012 e 2013¹. Tenciona-se descrever a percepção social das mães das vítimas sobre as causas dos homicídios e relacioná-la com a literatura que explora o tema dentro da Sociologia da Violência. Além da percepção das mães das vítimas, serão apresentadas as estatísticas de homicídios do estado do Espírito Santo e do município de Serra, disponibilizadas pela Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social do Governo do estado do Espírito Santo (SESP).

A violência urbana compreende práticas e conflitos criminalizados, diz respeito a uma multiplicidade de eventos que estão vinculados ao modo de vida das grandes metrópoles (Misse, 2011). Segundo Misse, nos últimos vinte anos registrou-se um extraordinário aumento da violência urbana nas grandes cidades brasileiras. Dessa forma, em 1973 matava-se dez vezes menos que hoje, já descontando o crescimento da população no período (Misse, 2011).

Uma expressão dessa violência urbana são os homicídios de adolescentes e jovens, ocorridos em bairros populares localizados nas periferias das grandes cidades. Entre 1980 e 2002 as maiores vítimas de homicídios no Brasil estavam na faixa etária entre 15 a 19 anos, isto é, 87,6% dos casos, conforme demonstra Peres (2006).

Segundo Peres (2006), no Espírito Santo, o coeficiente de mortes por homicídios da população de 0 a 19 anos cresceu acima da média do país entre 1980 e 2002. Na faixa etária de 15 a 19 anos, o coeficiente de homicídios cresceu 1.147,6% com valores que passaram de 6,9 para 86,4 por 100 mil habitantes. Em 2004, a taxa de homicídio de jovens (15 a 24 anos) era de 95,4 homicídios por 100 mil habitantes, a taxa de risco foi superior em 153% à taxa dos não jovens (Zanotelli et al., 2011, p.71).

Dentro do município de Serra, o bairro Jardim Carapina apresenta elevados índices de violência fatal. Nos anos de 2011, 2012 e 2013 foram 52 vítimas, sendo que 30 tinham entre 15 e 24 anos. Por essa razão, e em conformidade com os demais esclarecimentos metodológicos dados a frente, este estudo será restrito a esse bairro.

¹ Até 31 de outubro de 2013

Os homicídios concentrados em determinados locais nos centros urbanos onde a desigualdade socioeconômica é patente revela um problema estrutural da sociedade, vez que os homicídios crescem quando se deterioram as condições de vida, conforme dados da Organização Mundial de Saúde, analisados no **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde** no capítulo sobre violência juvenil (Peres, 2006). Dessa forma, Peres (2006, p.22) afirma,

A concentração dos homicídios em cidades e, especificamente, em alguns bairros ou distritos, explica por que os homicídios são também interpretados como um barômetro social, um indicador das relações sociais em nível micro e macro. O assassinato não é apenas um crime, é um sinalizador de saúde pública ou social.

Além do fator desigualdade socioeconômica, os pesquisadores têm apontado como fato importante que contribui para o crescimento dos homicídios a partir da década de 1970 o engajamento de jovens com tráfico de drogas. Isso se deve ao fato de que como se trata de um mercado informal ilegal, nos termos de Misse (2011), não pode haver regulação legal dos interesses nem resolução judicial dos conflitos. Prevalcem estratégias criminosas com vistas a oferecerem proteção sejam dos controladores do varejo, sejam produzidas, sob a forma de extorsão, pelos agentes encarregados de sua repressão legal. Nesse contexto, acontecem disputas por território, onde a violência é o principal recurso. As relações sociais nas comunidades são transformadas pelo comércio de drogas. Para Misse (2011, p.114),

A crescente disjunção entre escola e mercado de trabalho, os baixos salários há três décadas convivendo com um estímulo ao consumo nunca antes visto (mais do que o próprio desemprego) e a crise de autoridade na família (particularmente na família urbana pobre) fazem do comércio de drogas e de mercadorias políticas não apenas um negócio atraente, mas um estilo de vida sedutor, ainda que efêmero. Muitos jovens que entrevistei preferem morrer antes dos 25 anos com esse estilo de vida, a viver 60 como parias e humilhados.

Ruotti, Massa e Peres (2011) constataram que os grandes centros urbanos foram os mais afetados pela tendência de os homicídios aparecerem como a primeira causa de morte entre jovens (15 a 24 anos) já na década de 1990 conforme dados do Ministério da Saúde. Nesse contexto, a criminalidade atrelada à expansão do tráfico de drogas, sobretudo a partir década de 1990, tem se apresentado cada dia mais presente nas periferias e favelas, tornando-se parte das “escolhas” apresentadas aos moradores destes locais. Estas “escolhas” assumem a existência de uma vulnerabilidade que ultrapassa a vontade individual. Compreende-se o conceito de vulnerabilidade como

O quadro de vulnerabilidade permite compreender as formas pelas quais os indivíduos enfrentam os eventos adversos e adotam certos comportamentos, não de acordo com a visão de um sujeito racional que orienta sua ação apenas pela disponibilidade de informações, mas sob a perspectiva de um sujeito imbricado em um sistema dinâmico de relações e constrangimentos de diferentes ordens (sociais, políticos e econômicos), que influi nas suas escolhas e condições de existência (Ruotti et al., 2011, p. 381)

Misse (2011) explica que a atual fase do tráfico de drogas por ser caracterizada pela decadência do controle externo e do “Comando” sobre as áreas do tráfico e a segmentação dos territórios com constantes guerras do “movimento”, constitui-se na fase mais violenta. Segundo o autor, tal fase é marcada pelo extraordinário aumento da desconfiança entre lideranças e grupos, por lutas intestinais pela liderança no interior de um mesmo território ou entre territórios diferentes e pelo aumento da repressão policial violenta, sobretudo a partir de 1994 (Misse, 2011, p. 185).

METODOLOGIA

A metodologia adotada é a qualitativa. A estratégia de pesquisa foi o estudo exploratório, e as técnicas utilizadas foram a entrevista semiestruturada e a observação participante.

Os dados acerca dos homicídios foram gentilmente disponibilizados pela Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social do Governo do estado do Espírito Santo (SESP).

A amostra foi realizada com vítimas com idades entre 18 e 21 anos (pois a GEAC não disponibilizou informações completas - os nomes, por exemplo - sobre as vítimas menores de 18 anos, em observância ao Estatuto da Criança e do Adolescente), durante os anos de 2011, 2012 e 2013, até 31 de outubro.

No universo de 30 casos de homicídios (da população de 18 a 24 anos do bairro Jardim Carapina, nos anos 2011, 2012 e 2013) foram selecionados três, um para cada ano. Contudo, em razão da escassez de tempo e em virtude de conflitos no bairro (justamente envolvendo as facções do tráfico de drogas) a pesquisa se limitou aos sujeitos que foram contatados inicialmente, ou seja, uma mãe e moradores do bairro.

A tabela a seguir demonstra a situação dos homicídios no Espírito Santo, na cidade de Serra e no bairro Jardim Carapina, durante os anos de 2011, 2012 e 2013, até 31 de outubro.

Tabela 1: Homicídios no Espírito Santo, em Serra e em Jardim Carapina (2011, 2012 e 2013)

Índice de homicídios			
Ano	2011	2012	2013
Homicídios no ES	1.707	1.661	1.308
Homicídios em Serra	378	344	287
Homicídios em Jardim Carapina	26	13	13
Homicídios em Jardim Carapina – faixa etária de 15 a 24 anos	16	06	08

Fonte: Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social do Espírito Santo

O BAIRRO JARDIM CARAPINA

Nesta seção serão apresentados o bairro Jardim Carapina e a situação de violência no bairro por meio da observação participante e entrevistas realizadas com moradores.

A área do bairro Jardim Carapina, numa região de Manguezal, começou a ser ocupada em 1988, sobretudo por pessoas vindas de outros bairros de Serra e de outros municípios do ES (Borges, 2009). Dessa forma, os moradores despossuídos ocuparam a região, construíram suas casas, em busca de trabalho, atraídos pelas indústrias, empresas e comércio na RMGV²; muitos moradores vieram de outros estados do Brasil, como Minas Gerais e Bahia. A infraestrutura do bairro é precária, existem ruas sem pavimentação, valas de esgoto a céu aberto (o que é motivo de desgosto para os moradores), uma área próxima ao mangue que se tornou depósito de lixo. O bairro Jardim Carapina fica entre o município de Serra e Vitória.

² A Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) é composta por sete municípios, a saber, Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória, desde o ano de 2001.

Quando nos afastamos da região central do bairro, nota-se que as casas, a maioria delas, não possuem acabamento, as residências são mais precárias. É justamente nesses locais que podemos ver adolescentes e jovens a pé ou de bicicleta, sempre atentos nas esquinas. Nesse sentido, um cenário de tensão vai se delineando, em função da disputa desses jovens por ponto de vendas de drogas. Misse (2011) afirma que o mercado ilícito de drogas garante alta taxa de lucratividade e exige baixa especialização dos varejistas (em Jardim Carapina são majoritariamente adolescentes e jovens) e, por conseguinte, existe alto risco de concorrência nas transações desse mercado.

Na percepção dos moradores a causa principal da violência em Jardim Carapina é o conflito entre os jovens que disputam pontos de vendas de drogas. Contudo, o engajamento desses adolescentes e jovens com o tráfico é percebido como sintoma de outros “problemas” no bairro, como ausência ou precariedade das áreas de lazer, falta de “oportunidades” – que seriam educação e trabalho.

Foi realizada uma entrevista com a pedagoga e coordenadora de atividades do Projeto Vida Padre Gailhac em Jardim Carapina, a saber, Mirela dos Santos Bastos Del Pinheiro. O Projeto Vida é um projeto da Rede Sagrado Coração de Maria – mantida pelo Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria; é projeto socioeducativo que atende crianças e adolescentes em Jardim Carapina – Serra/ES.

O Projeto Vida atende crianças e adolescentes na faixa etária de 7 a 15 anos do bairro Jardim Carapina no contra-turno escolar, funcionando no período da manhã e da tarde. Para os participantes do Projeto são oferecidas refeições, café da manhã, no caso dos que freqüentam pela manhã e lanche da tarde para os que freqüentam a tarde e almoço para os participantes de ambos os turnos. O Projeto Vida atualmente tem convênio com a Prefeitura Municipal de Serra, porém o mantenedor do Projeto é a Rede Sagrado Coração de Maria.

De acordo com a pedagoga Mirela, que trabalha na instituição há 4 anos o Projeto Vida é um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos que objetiva atender pessoas entre 7 e 15 anos em situação de vulnerabilidade social de Jardim Carapina e imediações. No entanto, atualmente só participam do Projeto pessoas residentes em Jardim Carapina, o principal motivo para isso apontado por Mirela é a violência no bairro, pois os pais de bairros vizinhos temem pela segurança de seus filhos. Dessa forma, o tema da violência surgiu como primeiro assunto da entrevista.

Mirela explicou que por serem de “classe baixa” os pais do bairro precisam trabalhar e não têm com quem deixar seus filhos, muitos são filhos de pais separados, outros de mães solteiras, assim o Projeto passa ser uma alternativa para eles. A renda é um critério de participação, é preciso ter um vínculo com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Para Mirela, a parceria com a família é importante, pois se trata de um bairro

violento, apesar de tanta violência, apesar de termos tráfico na nossa porta, não temos problemas, com o apoio da família que muitas vezes são de meninos envolvidos, a gente fica meio que protegido. Não nos colocamos de um lado, nem de outro, nem a favor, nem contra. Mostramos para as crianças que não é certo, mas não julgamos cada pessoa, porque aqui é o pai do menino que é traficante, o irmão que é usuário, é o outro que matou. Então é assim, a gente tanta mostrar que isso não é legal, sem está julgando, sem está expondo a criança, ela não tem culpa, não é?

A proteção falada por Mirela, nesse sentido, seria oferecida pelo apoio das famílias de “meninos envolvidos”, ou seja, pela simpatia dos próprios “envolvidos”. Ora, nesse caso o papel da Segurança Pública não aparece como sendo eficiente, determinante para garantir a integridade dos participantes, educadores e demais profissionais do Projeto.

O Projeto Vida atende 195 crianças e possui uma lista de espera de mais de 150 crianças e adolescentes, em um mês costuma-se atender mais crianças que o outro, dependendo da conjuntura da situação de violência do bairro. Mirela explicou que o ano de 2013 foi o mais violento desde em que começou a trabalhar na instituição e por isso foi um ano de muita evasão de participantes.³

Em Jardim Carapina existem pelo menos três⁴ facções do tráfico de drogas ilícitas, conhecidas como: a Rua 11, o Ponto Final e o Contorno, dependendo da conjuntura do bairro, isto é, das brigas entre essas facções, os moradores de determinado local são intimidados a não transitarem em outro local. Como afirma Sapori (2013), o mercado ilícito de drogas possui um varejo fragmentado, pulverizado e, por conseguinte, conflitivo. Sendo as disputas por pontos de venda e os acertos marcados pela violência, onde a arma de fogo assume o papel de imposição da ordem no varejo do tráfico.

3 Nas palavras da entrevistada: “ano passado teve um assassinato aqui na porta, então muitas famílias que são, por exemplo, lá do ponto final ficavam com receio de trazer a criança para cá, porque aqui já é dominado por uma gangue rival”.

4 Esse número varia de acordo com o relato dos moradores, há quem diga que existem 10 facções diferentes espalhadas pelo bairro.

Mirela explica que o Projeto encaminha os adolescentes para o estágio, o que se configura numa oportunidade de remuneração, na fala de Mirela: “isso é muito bom, é uma oportunidade que eles têm. E o adolescente quer comprar, ele quer ter, então se ele não tem a oportunidade de conquistar o dele trabalhando é onde muitas vezes ele acaba entrando no tráfico.” Nesse sentido, Ruotti et al. (2011) explica que o tráfico de drogas, em função de sua expansão, tem se apresentado nas periferias e favelas e se tornado uma “escolha” e parte das “opções” aos moradores, tais “escolhas” assumem a existência de uma vulnerabilidade que ultrapassa a vontade individual.

Nesse sentido, aparece a ideia de que o tráfico para os jovens é antes de qualquer coisa uma fonte de renda, um meio de vida, ainda que seja também um meio de morte, conforme Zaluar (1994). Apesar disso, Mirela entende que “a questão do poder” para o “menino envolvido” é mais importante do que a econômica. Para Mirela, os adolescentes buscam um status, nas palavras dela: “Eu vejo assim, até as meninas... elas se encantam com aquele que está na esquina, com bonezinho de aba reta, com cordãozão de prata, que tem certo poder dentro do tráfico. E hoje as meninas infelizmente se encantam muito por isso e isso estimula os outros meninos a quererem cada vez mais.”

Além da coordenadora do Projeto Vida, foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com duas moradoras do bairro Jardim Carapina, a saber, Maria do Carmo e Cleida. A seguir, será abordada a percepção de ambas sobre a violência no bairro.

A senhora Cleida é moradora de Jardim Carapina há 23 anos, ou seja, acompanhou o processo de ocupação do bairro, assim como Maria do Carmo. Cleida é uma pequena comerciante, possui uma sorveteria e também faz transporte escolar. Ao falar sobre violência, a moradora afirmou que todos os bairros são violentos, porém os jornais dão maior visibilidade ao caso de Jardim Carapina. Porém, ao longo da entrevista, a moradora deixou escapar relatos de episódios que particularizam a situação de violência no bairro, corroborando o relato de Mirela sobre a divisão do bairro em setores (Contorno, Rua Onze, Ponto Final) entre as facções do tráfico de drogas. Além disso, também afirmou que os envolvidos são os mais jovens, inclusive crianças⁵. Segundo Cleida, é comum ver esses jovens armados pelas ruas do bairro, sendo que já precisou voltar para casa do trabalho por esse motivo, isto é, medo de conflitos entre as facções. A moradora afirmou que não

5 A esse respeito, Mirela afirmou que o tráfico de drogas em Jardim Carapina está “nas mãos” de crianças e adolescentes e disso decorreria uma maior violência, por serem estes mais incontinentes.

costuma sair pelo bairro, frequenta bairros vizinhos, tendo em vista que a Praça de Jardim Carapina é “perigosa”.

Cleida relatou situações em que adolescentes (filhos de vizinhas) se envolveram com o tráfico de drogas e acabaram vítimas de violência ou presos. Para a moradora isso é triste, ver os jovens se perdendo, “se matando” por causa do tráfico e “não pode fazer nada”. Para esta moradora, o envolvimento dos jovens no mercado ilícito de drogas é consequência da “família desestruturada” (nas palavras de Cleida). Para exemplificar, a moradora disse que os jovens são criados nas ruas, sem pai, sem orientação e educação. Nesse sentido, entendemos essa situação conforme o conceito de vulnerabilidade mencionado acima.

Maria do Carmo é moradora de Jardim Carapina há 25 anos, segundo ela, “fundou o bairro”, veio morar quando tudo ainda era um “brejo, andava com lama até o joelho”. A moradora relatou que no início era tudo difícil, as construções eram feitas sem planejamento, “depois o governo veio e fez os lotes”, não tinha energia elétrica e nem ônibus. Apesar disso, Maria do Carmo afirmou que era preferível tudo ser como era no início, pois o problema atual “não tem solução, tira nossa paz e liberdade”, o problema é a violência.

Maria do Carmo descreveu também a divisão do bairro entre as facções do tráfico de drogas. A moradora afirmou que a polícia não resolve o problema, pois enquanto eles passam com uma viatura, “eles” (os jovens engajados no tráfico) “passam com quatro carros atrás e armas para cima”. Maria do Carmo afirmou que a polícia não prende quem realmente deveria: “eles prendem os ‘donos’, mas os ‘gerentes’ ficam e os ‘donos’ comandam da cadeia”. Isso converge com o relato da mãe de Valdeir, uma vez que este teria sido assassinado a mando de um traficante preso. Maria do Carmo afirmou que “um é preso e logo surgem dez”. Ademais a moradora afirmou que os jovens se envolvem por amizade, citou exemplo de colegas de seus filhos que “foram para o tráfico”. Nas palavras da moradora: “meu filho vai para a escola e na saída vê um garoto armado, ele não pode sair correndo, tem que conviver com isso, é a nossa realidade”. Essa “realidade” de que fala a moradora enreda jovens para o mercado ilícito de drogas que, por sua vez, tem sido a principal engrenagem que aciona os homicídios juvenis.

A PERCEPÇÃO DAS MÃES SOBRE A VIOLÊNCIA⁶

Nessa seção será abordada a percepção de uma mãe de um jovem, vítima de violência letal em Jardim Carapina, bem como a percepção de moradores.

Foi realizada uma entrevista com a senhora Maria de Nazaré dos Santos, mãe de Valdeir Adriano dos Santos, 18 anos, vítima de homicídio em 02 de janeiro de 2013. O ano de 2013 segundo relato da coordenadora do Projeto Vida e segundo moradores foi um dos mais violentos em Jardim Carapina. Essa violência se prolonga até o início de 2014, conforme experiência e observação nessa pesquisa.

Nazaré nasceu em São Mateus, norte do estado do Espírito Santo, e veio para a RMGV há aproximadamente 30 anos. Desde então mora no município de Serra. Mudou-se para bairro Jardim Carapina logo no início de sua ocupação. Construiu sua casa em Jardim Carapina quando começou a “invasão” (nas palavras dela), isto é, quando famílias começaram construir irregularmente suas casas no bairro. Atualmente Nazaré trabalha como empregada doméstica e seu marido é proprietário de uma conhecida borracharia no bairro, a “borracharia do Negão”. A família já teve outros comércios antes desse, por exemplo, um bar e um verdurão. Nazaré disse que acha importante colocar as crianças para trabalhar desde cedo para que não fiquem “à toa” nas ruas, podendo se envolver com “coisas erradas”. Nazaré criticou as leis que não permitem aos pais castigar fisicamente seus filhos (bater), pois a polícia “bate na rua”. A mãe relatou situações onde a polícia agride crianças e adolescentes arbitrariamente, sem o conhecimento dos pais ou responsáveis, sem motivo justo. Isso seria motivo de revolta entre adolescentes do bairro.

Nazaré tem seis filhos, duas mulheres já casadas que também residem em Jardim Carapina, um filho adolescente, um adulto, um menino de nove anos e uma menina de cinco. Nazaré é casada com o pai de seus filhos. Quando cheguei a sua casa, fui bem recebida, entendi que a mãe queria falar sobre o caso de seu filho Valdeir. Sentamos na varanda de sua casa em duas cadeiras que ela limpou cuidadosamente para que eu pudesse

⁶ A presente pesquisa se propôs inicialmente entrevistar sete mães de acordo com os critérios da amostragem realizada. Contudo, em virtude do conflito (entre facções do tráfico de drogas) instalado no bairro no início do ano de 2014 que se prolonga até meados de fevereiro, os moradores estão acuados, temem conversar sobre violência, preferem não sair as ruas; e algumas mães de vítimas de violência (precisamente duas que estavam na amostra) se mudaram do bairro, segundo vizinhos. Ao andar pelo bairro, em busca do endereço dessas mães, moradores me alertavam para o perigo iminente de tiroteios e desconfiança gerada pela minha presença entre os sujeitos engajados com o mercado ilícito de drogas, ou seja, aconselhavam para que eu não permanecesse no bairro pela minha segurança. Dessa forma, a pesquisa se limitou a entrevistar apenas uma mãe e moradores do bairro Jardim Carapina, a fim de afigurar a percepção destes sobre a violência letal.

me sentar. Sentamo-nos na varanda e a porta da sala estava aberta, deu para notar a família reunida, quase completa, não fosse pela ausência de Valdeir.

Quando disse do que se tratava a mãe se dispôs a pegar fotos de seu filho para que eu pudesse ver e talvez entender melhor a situação de sua família. Ao me mostrar as fotos, Nazaré se emocionou, também demonstrou sentimento de indignação pela perda. Nazaré disse que seu filho era trabalhador, pedreiro, sempre a ajudava desde criança nos comércios que a família tinha no bairro, era um rapaz muito bonito e “namorador”. Valdeir se preparava para tirar a carteira de motorista. O rapaz não concluiu seus estudos no Ensino Médio, mas pretendia voltar a estudar. Ora, isso caracteriza a situação de vulnerabilidade nos termos de Ruotti et al. (2011, p. 385), onde os jovens das periferias dos centros urbanos vivem precariamente, em que a incerteza e a improvisação pautam seus percursos; a incerteza no mercado de trabalho.

Nazaré descreveu uma situação de conflito entre as facções do tráfico de drogas no bairro, onde principalmente crianças e adolescentes estão “envolvidas”; descreveu também as constantes “guerras” entre as facções e que por isso teme sair de casa, principalmente após o homicídio de Valdeir. A mãe disse que o rapaz tinha o hábito de sair de casa com os amigos para passear pelo bairro, era freqüentador da “pracinha”. Essa pracinha era um local de convivência e lazer dos moradores do bairro, porém agora é “dominada” pelo tráfico e se tornou um local perigoso. Para Nazaré circular pelo bairro é perigoso, principalmente à noite. O perigo eminente é algo que perpassa a fala dos moradores de Jardim Carapina.

Na noite de seu assassinato o rapaz havia chegado do trabalho e resolveu sair com seus amigos para lanchar na avenida principal do bairro, Avenida Porto Seguro. Nazaré mora próximo a um ponto de vendas de drogas, segundo a mãe o “dono” desse ponto que está preso teria mandado assassinar Valdeir e sua namorada, pois a moça já teria tido um relacionamento anterior com o traficante. Ou seja, o motivo do crime teria sido ciúmes. O traficante também teria mandado assassinar a moça, mas ela mudou de estado.

A causa última do homicídio parece ter sido ciúmes, porém nota-se a questão da sociabilidade violenta presente nas relações no tráfico de drogas a varejo, em que os conflitos são mediados pelo uso da força por meio da arma de fogo; o bandido pode se autoafirmar eliminando fisicamente seus “inimigos”. Como os conflitos não são regulados

pela justiça, o que predomina é a “lei da palavra”, onde parece existir uma supervalorização da honra do homem que se expressa também em nas relações com as mulheres, no sentido de que essas são consideradas como uma propriedade e, nesse caso, o que é de um não pode ser de outro. Isso, conforme Zaluar (1994) se configura em uma concepção autoritária de poder, falta nessa ideologia a noção de direitos. O caso de Valdeir e os casos relatados por Mirela se entrelaçam no que diz respeito ao motivo pelo qual os jovens se engajam no tráfico, buscando reconhecimento, poder e visibilidade entre os seus iguais, inclusive com o objetivo de serem valorizados pelas mulheres.

De acordo com o relato da mãe de Valdeir, o jovem não estava engajado no tráfico, seja como vendedor ou usuário, mas estava inserido nesse contexto (no âmbito do bairro, do convívio social) e foi vitimado pelas regras que imperam no comércio ilegal. Esse contexto social de vulnerabilidade, conforme Ruotti et al. (2011) envolve as configurações sociais e normas culturais que atuam diretamente nas formas e interesses que regem o encontro da trajetória individual e da interação entre os indivíduos e os elementos aí implicados, como as diferenças de status e poder que influenciam as possibilidades frente ao risco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro Jardim Carapina, no município de Serra/ES, surgiu de uma ocupação irregular realizada por sujeitos que se estabeleceram na RMGV no final do século XX, com o desenvolvimento de indústrias e, por conseguinte, da economia do Espírito Santo.

Existe no bairro Jardim Carapina atualmente um clima de medo, tensão, em decorrência do comércio ilegal de drogas, da disputa dos “donos” pelos pontos de venda. Uma expressão desse estado de coisas tem sido os homicídios juvenis; no bairro Jardim Carapina esses homicídios estão expressos em pichações pelo bairro que fazem menção a saudade e ao luto principalmente de adolescentes e jovens. Ademais, a relação da comunidade com a polícia, responsável pela repressão ao tráfico de drogas, também contribui para o clima de tensão, isto é, contribui, embora pareça paradoxal, para a sensação de insegurança, tendo em vista que a presença da polícia aumenta a ideia de se estar vivendo uma “guerra”, um conflito declarado.

Com efeito, de acordo com dados da SESP, a maioria das vítimas de homicídios no estado do Espírito Santo é de cor parda e negra. Desde o ano de 2004 até 31 de dezembro

de 2013 foram 17.712 homicídios no ES, sendo que 15.163 foram vítimas de cor parda e 776 vítimas de cor negra. Ou seja, de fato existe uma seletividade de origem racial - entendendo raça no sentido sociológico, de raça social e não de raça biológica, isto quer dizer que as raças são tomadas nas acepções dadas a partir da perspectiva das próprias pessoas envolvidas na situação social concreta em que se encontram – conforme Ianni (1978, p. 128) - nos homicídios juvenis. A partir desses dados é plausível afirmar que certamente existe o “extermínio da juventude negra”.

A percepção da mãe entrevistada e dos moradores é de que a guerra interna pelo domínio do mercado ilícito de drogas é a principal causa das mortes, com ou sem a ação direta da instituição policial⁷.

Em linhas gerais, podemos afirmar que a situação que contribui para a violência naquele contexto são as relações sociais estabelecidas a partir do mercado ilícito de drogas, com suas redes de obrigações e vinganças, além da dimensão subjetiva para o engajamento dos jovens nesse mercado - a questão do poder, reconhecimento, status que tem atraído estes. Apesar disso, é preciso destacar que não é a maioria dos jovens, tampouco dos moradores de Jardim Carapina, que se engajam nesse comércio (como descrito na seção “O Bairro Jardim Carapina” os moradores são trabalhadores, majoritariamente, não especializados), mas como exemplificado no caso de Valdeir, a sociabilidade estabelecida a partir do tráfico de drogas contribui fortemente para desfechos violentos para os conflitos interpessoais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sergio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº8, jul/dez 2002, p.84-135.

⁷ Em uma visita ao bairro Jardim Carapina para fotografar pichações referentes à violência, encontrei a irmã de Hearles Nunes Araújo, 19 anos, vítima de homicídio em 30 de dezembro de 2013. A irmã do jovem disse que ele foi assassinado com nove tiros pela polícia. O jovem teria se assustado com uma viatura, caiu de sua bicicleta e foi alvejado com vários tiros que só cessaram quando os policiais observaram a presença de moradores. Após esse episódio, os moradores realizaram um protesto exigindo a investigação do homicídio e amigos de Hearles, conhecido como “Cafu”, queimaram um ônibus. No dia 01 de janeiro de 2014 o Fórum Estadual de Juventude Negra do Estado do Espírito Santo – FEJUNES fez uma nota de repúdio.

BORGES, Clério José. História da Serra. 3 ed. Serra: Editora CTC, 2009.

IANNI, Octavio. Escravidão e Racismo. Editora Hucitec, São Paulo, 1978.

MISSE, Michel. Crime e violência no Brasil contemporâneo. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2011.

PERES, Maria Fernanda Tourinho. Homicídios de crianças e jovens no Brasil: 1980 -2002/ Maria Fernanda Tourinho Peres, Nancy Cardia, Patrícia Carla dos Santos; Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo. São Paulo: NEV/USP, 2006.

RUOTTI, C.; MASSA, V.C; PERES, M.F.T. Vulnerabilidade e violência: uma nova concepção de risco para o estudo dos homicídios de jovens. Interface – Comunic, Saude, Educ., v.15, n.37. p. 377-89, abri./jun.2011.

SAPORI, Luis Flavio. Avanço no socioeconômico, retrocesso na segurança pública: paradoxo brasileiro? Revista Desigualdade e Diversidade. PUC RIO, 2012.

ZALUAR, Alba. Condomínio do Diabo. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ, 1994.

ZANOTELLI, Cláudio Luiz et al. Atlas da Criminalidade no Espírito Santo. São Paulo: Annablume, Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo – FAPES, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacobo - Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA/FLACSO; Brasília: SEPP/PR, 2012.

WASELFISZ, Julio Jacobo - Mapa da Violência 2013: Homicídios e Juventude no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA, 2013.